

humanitas

Vol. LXVIII
2016

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ALGUMAS DIRETRIZES DE PLATÃO PARA O USO DOS NOMES E CRIAÇÃO DE PERSONAGENS A PARTIR DO CRÁTILLO 392B-397B

SOME GUIDELINES FOR THE USE OF NAMES OF CHARACTERS ACCORDING TO PLATO'S CRATYLUS 392B-397B

CELSO VIEIRA

Universidade Federal de Minas Gerais
cvb909@gmail.com

Artigo recebido a 25-05-2016 e aprovado a 13-09-2016

Resumo

Neste artigo seguiremos os argumentos iniciais do *Crátilo* (392b-397b) a fim de extrair algumas diretrizes para se criar e usar nomes e personagens que podem ter influenciado Platão como autor de diálogos filosóficos. Pretendemos discutir como os nomes podem informar acerca da personagem, que tipo de informação eles estariam mais aptos a fornecer, o que os leitores depreenderiam disso, e quais problemas a particularidade inerente aos nomes próprios pode gerar em uma investigação filosófica. A análise da constituição dos nomes acontece junto com a constituição das personagens porque é assim que ela se apresenta no texto. Assim, as diretrizes de nomeação também serão aplicáveis ao entendimento de algumas características essenciais de uma personagem de um diálogo filosófico segundo Platão. Ao fim da investigação esperamos provar que a diretriz principal defende a apresentação de uma origem bem definida no aspecto locativo e na herança intelectual da personagem. Isso permitirá ver como os nomes funcionam com o que determinamos termos 'hereditário-funcionais'. Através destes, as informações sobre as origens permitem entender como as personagens operam. Além disso, Platão também aponta a preferência por preterir a particularidade que vem com um nome próprio, e, ainda, a vantagem de situá-los na condição de estrangeiros para enriquecer o debate. Satisfeitos esses critérios uma personagem nomeada estaria pronta para participar de um diálogo filosófico.

Palavras-chave: nomes, Platão, etimologia, genealogia, linguagem.

Abstract

In this paper we follow some arguments of the beginning of the *Cratylus* (392b-397b) in order to extract some guidelines for making and using names of characters according to Plato. We will show how names may inform, which information they should safely convey and how to deal with the problem of the particularity of proper names in a philosophical investigation. The constitution of names goes hand in hand with the constitution of characters. Therefore, the guidelines will also serve to understand the essential characteristics of a character in a platonic philosophical dialogue. We will see that names should inform about the local and intellectual origins of the characters. This will allow us to understand names as functional-hereditary terms. They inform about the origins of a character in order to show how he must think and act. We will also see a preference for avoiding the particularity implied in proper names and the advantage of putting them in the condition of a foreigner. These criteria would compose a perfect character to take part in a philosophical dialogue.

Keywords: names, Platon, etymology, genealogy, language

1. Introdução

O intuito deste artigo em duas partes é o de verificar se é possível identificar algumas diretrizes para a nomeação embasando o procedimento de Platão frente às personagens em seus diálogos. Tomando por base a reflexão do *Crátilo* procuramos encontrar alguns pontos centrais na nomeação de uma pessoa ou personagem. Como o tratamento da linguagem, ontologia e teoria literária aparecem misturados em Platão, a investigação elucidará também pontos importantes sobre sua concepção da natureza humana e do funcionamento da linguagem.

O trecho 392b a 397b foi escolhido porque nesta parte do *Crátilo* Platão trata dos problemas da correção dos nomes próprios centrado-se principalmente no ponto de vista dos poetas. Ao longo dos passos do argumento serão evocadas passagens de outros diálogos que possibilitarão um exame mais acurado dos elementos identificados. Desta maneira pretendemos elucidar os pontos centrais no procedimento de nomeação utilizado por Platão enquanto autor de diálogos filosóficos. O primeiro caso de nome próprio estrangeiro a ser abordado é aquele que Platão extrai da poesia homérica. O filho de Heitor, nota Platão, é chamado de Astianax pelos troianos, cuja etimologia remete ao futuro da personagem, e de Escamândrio pelas troianas, remetendo à sua origem (392b). Na sequência, dois argumentos relacionados com a descendência serão examinados: o do

leão que gera prole de leão seguindo a natureza (393d) e o do potro que, contra a natureza, pode nascer de uma vaca (394d). Por fim o problema da particularidade do referente dos nomes próprios em vista da filosofia que procura a generalidade será abordado (397b). Esse caminho apontará os principais preceitos para uma utilização dos nomes e o quanto eles são significativos para as personagens em diálogos filosóficos.

2. Heitor e Astianax: nomes estrangeiros com raízes gregas?

Sócrates introduz a questão recorrendo aos nomes de alguns personagens de Homero. O paradigma tratado com mais cuidado é aquele de Astianax, filho do troiano Heitor. Em 393a, ele enfatiza o que parecia ser evidente para o público grego. Heitor (*Ἑκτωρ*) e Astianax (*Ἀστυάναξ*) significam quase a mesma coisa, a saber ‘o regente’ e ‘o que governa a cidade’¹, respectivamente. O recurso à etimologia dos nomes para caracterizar as personagens era uma estratégia reconhecida e valorizada no período clássico². Mas para que ela funcionasse era preciso uma contrapartida ativa do leitor / ouvinte. Como era preciso que ele fosse capaz de desvendar e/ou reconhecer a etimologia dos nomes, ficava vetado o uso de raízes estrangeiras, inclusive em nomes próprios de personagens estrangeiras. Eis a primeira dificuldade com a qual se teria que lidar diante de um nome de um estrangeiro. O que fazer, optar pela coerência etimológica e, como Homero, colocar nomes interpretáveis pelos gregos nos personagens estrangeiros ou preferir a coerência etiológica e usar nomes estrangeiros - ininteligíveis para o público - para os personagens estrangeiros?³

¹ “Os dois (Heitor e Astianax), aos **gregos**, aparentam ser o mesmo. Um *Reitor* também é quem tem a *estima máxima*. Ambos são nomes da realeza, uma vez que quem *rege* o faz com o *máximo de estima*” (393 a). Grifo nosso. Todas as traduções são de autoria de Vieira: 2014.

² Bronkhorst distingue como ‘etimologias semânticas’ o procedimento de supor raízes nas palavras para explicar o seu significado. Para ele: “etimologias semânticas são praticamente universais em culturas pré-modernas. Existem até tratados sobre elas em algumas [dessas culturas] como o Yaska Niruta na Índia e o *Crátilo* de Platão na Grécia antiga.” Bronkhorst 2001: 147.

³ O tradutor moderno também enfrenta estas escolhas. Por exemplo, ao verter um texto como o da *Teogonia* de Hesíodo, no qual os nomes dos deuses têm um papel central, é preciso escolher entre transliterar e perder o significado ou traduzir e perder o tom ‘grego’ dos nomes próprios. No caso dos gregos antigos a preferência tende a ser pela coerência etimológica em oposição à coerência com uma língua estrangeira.

No *Crítias* há uma ocorrência meta reflexiva que atesta que Platão estava atento a este problema. Desta vez a atribuição de nomes gregos a personagens estrangeiras é encontrada não em Homero, mas em Sólon. Antes de narrar a história egípcia que o poeta Sólon teria disposto em versos, Crítias faz questão de explicar porque os nomes das personagens soam gregos. O poeta, com o objetivo de apresentar uma versão em grego dessa história, teria pesquisado para saber quais eram os significados desses nomes a fim de encontrar sua melhor tradução em grego⁴. Desta maneira se apresentava uma justificativa para a aparente incoerência que se poderia censurar no fato de personagens de uma história egípcia portarem nomes gregos. No caso do *Crítias*, o contexto é aquele de uma discussão filosófica. Apesar disso, como acontece com Hermógenes no *Crátilo*, pode se supor que a contradição de um nome traduzido passasse despercebida pela maioria da audiência. Para o público em geral, soaria mais verossímil um estrangeiro portar um nome grego cujo conteúdo descritivo estivesse relacionado à sua pessoa do que um estrangeiro portar um nome estrangeiro sem que sua etimologia pudesse ser percebida. Essa preferência cultural pela tradução dos nomes próprios encontraria no *Crátilo* uma justificação teórica.

Em 389e-390a, Sócrates compara os nomes feitos com ‘sons’ de línguas diferentes com as ferramentas feitas com ‘ferros’ diferentes⁵. O que se encontra aqui é um primeiro ensaio de distinguir entre igualdade numérica e igualdade qualitativa. Duas moedas de 25 centavos feita com metais diferentes mas gravadas com a mesma inscrição são numericamente diferentes e qualitativamente iguais. De maneira similar, um nome com sons diferentes que significam a mesma coisa seriam qualitativamente iguais. A primazia do valor seria ao fator qualitativo e não ao numérico como podemos ver em 394c. O caso dos nomes é apresentado mediante a

⁴ “Tem um pequeno ponto que eu devo explicar antes de contar a história, caso contrário, vocês vão ficar surpresos ao ouvirem nomes gregos constantemente aplicados a pessoas que não são gregas. Eu vou contar como isso aconteceu. Sólon queria compor uma versão poética da história e então perguntou os significados dos nomes. Assim ele descobriu que os egípcios que escreveram a história primeiro tinham traduzido os nomes na sua língua e, por isso, fez o mesmo.” *Criti.* 113a.

⁵ “Além disso, não devemos sequer questionar por que cada normatizador não usa as mesmas sílabas já que tampouco todo ferreiro usa o mesmo ferro só porque está fazendo um mesmo instrumento. Ainda que seja num outro ferro tudo vai ficar igual se ele aplicar uma mesma especificação. Portanto, vai ser feito um instrumento igualmente correto seja no nosso idioma ou em um estrangeiro” *Crat.* 389e-390a.

adição de um terceiro termo: Astianax (governa cidade), Heitor (Regente) e Régis seriam três nomes diferentes que descreveriam a mesma coisa, ‘rei’, na mesma língua ainda que tenham poucas ou nenhuma letra em comum⁶. Seguindo este raciocínio, ‘Umbrella’ (em inglês) e ‘Sombrinha’ ou ‘Guarda-sol’ (em Português) seriam os mesmos nomes com sons diferentes por significarem, grosso modo, ‘um instrumento pra fazer sombra.’ Ademais, o termo ‘sombrinha’ estaria mais próximo do inglês *umbrella* do que do sinônimo português ‘guarda-chuva’, que traz uma descrição diferente. Deste ponto de vista, o poeta que traduz um nome não incorreria em nenhuma incoerência ao passo que o que optasse por um sinônimo com descrição diferente faria uma diferenciação qualitativa do referente⁷.

Esta desqualificação dos sons antecipa, ainda, a clara divisão feita pelos estoicos entre ‘significador’ (o som corpóreo de um nome) e ‘significado’ (o que ele quer dizer, o que seria incorpóreo)⁸. Se pensarmos em um contexto mais próximo do nosso, veremos que a semiótica moderna tende a fazer diferenciações muito próximas a esta, como, por exemplo, no caso do significante (o som ou a grafia de um nome) e do significado (o que este signo quer dizer). Ao comparar com o que faz Platão, vemos que, pelo menos neste momento, o que importa para caracterizar um sinônimo é o significado e o efeito que ele causa no ouvinte⁹. Sendo assim, convém

⁶ “Era este o caso do que falávamos ainda agora. Astianax e Heitor, a exceção do ‘t’, não possuem as mesmas letras, mas, ainda assim, assinalam o mesmo. E quais letras eles têm em comum com Régis? De qualquer maneira, este também evidenciaria o mesmo. Existem ainda muitos outros que não assinalam nada diferente de rei.” 394c O caso particular de pai e filho, Heitor e Astianax, bem como o tratamento pouco diferenciado entre nomes comuns e próprios serão tratados adiante.

⁷ É como a diferença descritiva/ qualitativa entre o ‘aluno de Platão’ e ‘o mestre de Alexandre’ usada para se referir a Aristóteles.

⁸ cf. S.E. *Mat.* 8.11-12

⁹ Alguns exemplos da semiótica tocam nas questões aludidas acima. Saussure diferencia significado e significante, dizendo que o significante é o signo gráfico e o significado é o que o significante quer dizer. Assim, o significante ‘ginástica’ significa ‘exercitar-se’. Peirce, por sua vez, considera nessa divisão também o intérprete, que ele põe nos termos do signo e o objeto, sendo que o signo determina o objeto na mente do intérprete. Assim ‘ginástica’ traz o ‘exercitar-se’ na mente do ouvinte. Frege, por fim, coloca esta concepção em termos de sentido e referência, concepção esta que representa um ganho ao admitir que o sentido influencia na referência. Assim, ‘ginástica’ e ‘exercício’ teriam a mesma referência, o ‘exercitar-se’, mas o sentido de ‘ginástica’ sugeriria ‘nudez’ (*gymnos*) enquanto que o exercício sugeriria exército. Devido à importância dada às etimologias semânticas os gregos reconhecem a importância qualitativa da sugestão de nudez implícita na palavra.

examinar um caso no qual diferentes significados para uma mesma coisa são examinados em relação a diferentes grupos.

3. Astianax ou Escamândrio: em busca do melhor significado

Quem analisa os nomes pelo que suas raízes etimológicas significam identifica um outro problema em Homero. Como observa o Sócrates do *Crátilo*, haveria na *Iliada* uma distinção sistemática no uso dos nomes para designar o filho de Heitor. Os troianos chamariam o filho do seu líder de Astianax, enquanto as mulheres o chamariam de Escamândrio, em referência ao rio Escamandro que margeia Troia. Sendo esses nomes diferentes, qual deles seria o melhor? Como no universo da poesia homérica os homens são considerados mais sensatos do que as mulheres, Sócrates concluirá que o poeta preferiu chamá-lo Astianax. Vale notar que não é esta a distinção que aparece na versão que temos do poema. Na *Iliada* que nos chegou, Heitor chama o filho de Escamândrio enquanto são os outros que o preferem chamar Astianax¹⁰.

De qualquer maneira, os dois nomes são analisados a partir de sua etimologia. Como a analogia entre o significado dos nomes sugere, sendo herdeiro de Heitor, o ‘reitor’ de Troia, é de se esperar que Astianax venha a ser o ‘governador da cidade’. As mulheres, por sua vez, se atêm a um locativo quase banal ao chamar a criança em referência ao rio que banha a cidade em que ele nasceu¹¹. Apesar de sua consistência forjada, a análise de Sócrates parece sim se encaixar em uma preferência dos poetas por ler nas etimologias o futuro dos personagens. O caso mais célebre talvez seja

¹⁰ Cf. *Il.* 6. 402-3. Levin sugere uma motivação para a mudança de Platão: “Podemos ver porque Platão quer re-assinalar o nome Escamândrio a uma fonte diferente. Ao atribuir a preferência por Escamândrio a Heitor, ele indicaria, como em Homero, a sua primazia, e seria estranho que o próprio pai da criança fizesse o que Platão identifica como uma assinalação inferior.” Levin 2000: 51. Diante do destino trágico de Astianax, que nunca governará a cidade, a interpretação que se segue verá uma intenção crítica na atitude de Platão. O destino de Heitor ficaria ainda mais trágico quando enfatizada sua certeza vã acerca do futuro do seu filho.

¹¹ Segundo Eustácio, *Sobre a Il.* 20.74, sua etimologia seria *skamma andros* (“represa do homem”), “porque ele [o rio] foi represado-cortado por Hércules, um homem”. É possível comparar esta explicação com o destino de Escamândrio, o filho de Heitor, que também tem sua trajetória interrompida por um homem-guerreiro (*andros*). Entretanto, sugerir esta linha de interpretação para explicar a preferência por este nome seria muito hipotético em vista da falta de evidências no *Crátilo*.

o de Ésquilo no *Agamemnon*, que, logo no prólogo, faz o vigia anunciar que o texto tem uma leitura em dois níveis¹², e, mais adiante, exemplifica um desses casos através da análise etimológica do nome Helena, de quem o futuro, por ser o motivo da guerra de Troia, está no seu nome que significa quem ‘aliena’ naus e vidas gregas¹³. Ele ainda atribui a consistência entre nome e futuro da personagem àquele que não vemos, onde podemos ler uma alusão seja ao deus seja ao dramaturgo que não aparece na cena.

A história egípcia vista no *Crítias* é um eco dessa postura. Ali é Poseidon quem nomeia seus filhos de acordo com o que deseja para eles. Assim temos, dentre outros, Diaprepes (glorioso) que é filho de Cleito (a de boa fama), em que o nome da mãe ecoa no nome do descendente. Veremos que no caso dos mortais há uma crítica do descompasso entre o desejo dos pais e o desenvolvimento do filho. Nesse caso, porém, como o pai que nomeia os filhos é um deus, pode se inferir que ele está certo, e que não se trata da mera expressão de um desejo, como no caso dos troianos, acerca do futuro de seu filho. A partir daí, podemos perceber como ao poeta, em relação a sua narrativa, é atribuída uma capacidade análoga à presciência divina. Mais do que qualquer outro, ele sabe o que acontecerá à personagem e de que maneira.

No caso de Astianax, no entanto, o nome não condiz com o futuro do personagem. Segundo boa parte da tradição, a criança acabaria morta durante a tomada de Troia e nunca viria a governar a cidade. Em vista deste destino trágico, parece legítimo entrever alguma ironia ao se enfatizar que o nome mais sensato dentro do poema seria ‘Astianax’, um governador da cidade que nunca chegaria a governá-la. Neste sentido é possível identificar uma proposta de reversão dos valores por parte de Platão. A atitude das mulheres (ou a de Heitor na versão que temos do poema), e não a dos homens troianos, é que seria a mais sensata. Isto porque se referir a um evento passado seria mais certo do que supor um futuro que, mesmo previsível, poderia surpreender.

¹² Ésquilo faz o vigia (φύλαξ) explicar sua estratégia discursiva: “assim, deliberadamente, eu / anuncio aos entendidos e escapo aos não entendidos.” (vv. 38-39).

¹³ “Quem então nomeou assim, / nisto tão autêntico, / com presciência do porvir, senão aquele a quem não vemos / quando atribuímos a linguagem ao azar? / E àquela que o armado esposo busca, disputada / Helena (Ἑλένη) foi propício pois / (ela) Aliena naus (ἑλένας), aliena homens (ἑλανδρος), aliena vilas (ἑλέπτολις)”. (v. 681 e sq.). Uma vez que Helena aliena naus haveria uma espécie de teleologia implicada no ato de nomeação que deve ser desvelada a partir da interpretação etimológica. Para um tratamento mais profundo do caso do nome ‘Helena’ ver Vieira; Peixoto 2012.

É possível supor que Homero estivesse ciente da incoerência (ainda mais porque ele escolhera ou, pelo menos traduzira, o nome do herdeiro). Se for este o caso, o descompasso entre o futuro do personagem e o nome pelo qual seus concidadãos o chamavam funcionaria como uma estratégia estilística para aumentar a dramaticidade da história. O público grego, que já conhecia o desenrolar dos fatos, seria capaz de identificar o patético na esperança dos troianos de que o herdeiro de Heitor um dia governasse sua cidade. Assim, a etimologia traduzida de um nome estrangeiro serviria não para criar uma familiaridade com o público, mas sim para aumentar a percepção de seu sofrimento.

Independente de qual tenha sido a motivação do poeta, Sócrates aludirá ao fato de que um Escamândrio que se torna rei ou que morre na infância continua sendo um nome plausível, diferente do que acontece com um Astianax que jamais governaria a cidade¹⁴. Portanto, segundo Platão, seria melhor tomar por base o passado da personagem ao nomeá-la que o seu futuro. Um poeta diria que este tipo de informação seria banal por não revelar nada de novo, mas como veremos a seguir, também neste caso o filósofo discordaria.

4. Leão gera filho de leão: a ascendência é significativa

Uma vez enfatizada a preferência pela origem em vez do futuro na nomeação do personagem, torna-se possível extrair algo de positivo da sinonímia entre Heitor e Astianax ou entre Cleito e Diaprepes. Os pares de nomes têm ambos o seu significado assentado na relação natural de descendência entre as personagens. A naturalidade dessa relação é explicitada no paradigma apresentado na sequência do *Crátilo*, em que Sócrates assegura que um filho de um leão deve ser chamado de leão, o de um cavalo, cavalo e o de um rei, rei¹⁵. O que esta passagem confirma é que não só a origem local, mas também a origem genealógica é importante na determinação de

¹⁴ Um caso contemporâneo que repete esta dupla postura seria o da nomeação de doenças. No caso da AIDS, seu primeiro nome procurava descrever como ela era, e assim, foi chamada de ‘câncer de sarcoma’. No entanto, descobriu-se depois que não se tratava de um câncer e ela foi rebatizada. Já no caso do vírus Ebola os cientistas foram mais cautelosos e nomearam o vírus a partir do rio Ebola onde o primeiro caso conhecido foi diagnosticado.

¹⁵ “E não te parece, como a mim, que seja justo chamar de leão a progenitura de um leão e cavalo a progenitura de um cavalo?” 393b. “Seguindo na mesma fala convém ainda chamar de rei a progenitura gerada de um rei.” 393d.

uma personagem. Neste quadro, Astianax poderia muito bem ser chamado por um demótico como ‘Heitorida’, o que mostraria sua origem sem tentar prever o seu futuro.

No raciocínio do leão filho de leão, algumas distinções que fazemos hoje em dia são negligenciadas por Platão. O caso das espécies, leão gerando leão, tem o mesmo tratamento daquele de um termo relacional como pai gerando filho e uma categoria política (ainda que fosse hereditária) de rei gerando rei. Levin oferece um bom paradigma para pensar este tratamento indistinto. Segundo ela, para Platão todos seriam ‘termos funcionais’, ou seja, um nome que se refere à função que o nomeado deve cumprir para merecê-lo¹⁶. Para justificar a funcionalidade no caso de pai e mãe, ela evoca a passagem da *República* que defende a criação comunitária e indistinta das crianças que, assim, passariam a chamar de ‘pais’ todos os da geração de seus pais¹⁷.

Uma leitura estritamente funcional, no entanto, negligencia a importância dada à relação de descendência no argumento. O fato de um termo originar o outro constitui o elemento comum explícito que une os três casos, ao passo que nenhuma menção direta é feita à função¹⁸. Um leão, um rei e um filho, segundo o que o texto mostra, só têm uma natureza a seguir em virtude de sua ascendência. Diante disso, é melhor mesclar a leitura estritamente funcional de Levin com uma concepção de descendência que Platão chamaria ‘naturalista’, e que nós poderíamos chamar ‘biológica’. Nesta perspectiva, a origem forneceria uma natureza, a qual, apesar de fornecer as bases, não

¹⁶ “No caso em que eu estou chamando de ‘termos funcionais’, o significado primário de um *onoma* deriva do que sua denotação faz (assim, o significado central de filho tem que ser traçado dos deveres filiais associados aos seus referentes). ... A existência de conexões biológicas não é suficiente, e nem necessária, para o emprego de tais termos.” Levin 2000: 120-1. Parece certo que, para Platão, um nome correto depende sim da capacidade do nomeado de realizar a função que o nome implica. Porém, a sequência da discussão tentará mostrar que isso não implica em uma negação total de conexões biológicas (que os antigos reconheceriam mais como sanguíneas) e hereditariedade.

¹⁷ Esta concepção funcional não é de todo absurda. O que ficou conhecido como Westermarck effect trata-se de algo próximo a identificar como irmãos (e portanto não ter desejo sexual) por aqueles com os quais se é criado lado a lado (independente de liames biológicos).

¹⁸ Um exemplo fora do texto de Platão que esclareça esse tipo de concepção pode ser o de Édipo que foge dos seus pais funcionais e acaba encontrando seu destino diante dos seus pais biológicos (sem saber que estes o eram). Exemplos nos diálogos serão apresentados na sequência.

garante a sua realização já que seria necessário levar em conta também seu aspecto funcional. Em outras palavras, o filho de um pai virtuoso tem o necessário para ser virtuoso, mas pode não sê-lo se não chegar a cumprir sua função, tal qual o Astianax que nunca governaria Troia. ‘Leão’, ‘rei’ e ‘pai’, portanto, seriam aqui pensados como termos hereditário-funcionais. O tema da educação e do ambiente no desenvolvimento de uma natureza hereditária será abordado a seguir, durante o tratamento daquilo que contraria a natureza. Antes, porém, devemos entender como o paradigma da herança (entendido como algo hereditário, mas que demanda desenvolvimento e trato externo) ajuda a entender essa hereditariedade-funcionalidade.

A *República* apresenta um paradigma que ilumina esta questão. O diálogo começa com uma discussão entre Sócrates e o ancião estrangeiro e abastado Céfalos¹⁹. Esse oferece como prova de sua moderação a herança que deixará aos seus filhos: mais do que seu pai lhe deixou, e o mesmo que seu avô, e seu xará, deixara ao filho. Sócrates, a partir deste caso particular, extrai a regra comportamental segundo a qual quem ganha o dinheiro, devido ao esforço para acumular, não consegue utilizá-lo apropriadamente. Já o herdeiro, que não se esforçou para ganhar, é capaz de gastá-lo melhor, sem supervalorizá-lo²⁰. É fácil imaginar que o herdeiro também poderia gastá-lo de uma maneira pior ao se entregar em demasia à concupiscência, como fizera o pai de Céfalos. Nesses dois pólos, o bom e o mau uso de uma herança, identificamos a relação necessária, mas não suficiente, de um termo hereditário-funcional. Parece apropriado, então, denominar os termos hereditários-funcionais de ‘termos herdáveis’.

Ainda na *República*, há indícios de que o exemplo do dinheiro parece ser estendível também aos pensamentos. Isto vem encenado no diálogo quando Céfalos, sem querer abrir mão da sua concepção do que seria a

¹⁹ “Céfalos - Como um negociante, eu estou entre meu avô e meu pai. O meu avô, de quem eu tenho o nome, herdou o mesmo tanto de riqueza que eu possuo e multiplicou-a várias vezes. O meu pai, no entanto, Lisânias, diminuiu esta quantia a menos do que eu tenho agora. Por mim, estou satisfeito de deixar aos meus filhos, não menos, mas um pouco mais que herdei.” R. 390b. Vale atentar que ‘*lusânias*’ pode remeter à raiz do verbo *luô* (soltar, liberar). Trata-se da mesma raiz de *Lísias*, o orador filho de Polemarco e neto de Lisânias.

²⁰ “Sócrates - A razão que eu pergunto é porque você não parece amar demais o dinheiro. Aqueles que não o ganharam por si mesmo normalmente são assim, mas aqueles que o ganharam por si mesmos amam-no duas vezes mais que qualquer um.” R. 390b.

justiça, passa a discussão ao seu filho Polemarco²¹. O termo ‘herdeiro’ chega a ser utilizado e, ademais, a postura do filho perante a definição de justiça do seu pai é exatamente a do herdeiro em relação aos bens materiais. Ele a defende, a utiliza, mas não lhe tem tanto apego, o que lhe permite abandonar certos pontos problemáticos²².

No diálogo, Polemarco herda o papel de deuteragonista da discussão, mostrando que a concepção de Céfalo, “dar a cada um o que é devido” (331 c) é, na verdade, derivada da tradição, pois se encontra em um verso de Simônides (um estrangeiro-vizinho de Ceos) (331 e). Ele concorda com o que diz o poeta e defende sua posição até vir a ser refutado por Sócrates, a partir do que ele reconhece a necessidade de reformular a definição tradicional. Talvez reforce o seu desapego, o fato deles serem metecos, ou seja, estrangeiros (vindos de Siracusa) residentes em Atenas. Desta maneira, seu desapego da tradição local repete aquele da sua relação com os bens paternos. Encontramos assim um paradigma para um uso mesurado das origens locais e genealógicas intelectuais que será importante na caracterização dos protagonistas estrangeiros de Platão.

5. O bezerro gerado de um cavalo: quando as coisas vão contra a natureza

Ao tratar da prole Sócrates tem sempre o cuidado de considerar a possibilidade de que haja uma aberração. Ao expor o argumento do leão filho de leão, ele enfatiza, a cada passo, que as coisas podem acontecer contrariando a natureza. Os exemplos citados são dois, um extremo e outro corriqueiro. O exemplo extremo relaciona-se com os animais não humanos. Aqui, a aberração aconteceria quando um cavalo viesse a gerar um bezerro e, um boi, um potro²³. O outro caso, mais corriqueiro, é o de um humano

²¹ “Céfalo - Bem, então vou de passar a discussão, já que é hora de eu me ocupar dos sacrifícios. P. E eu, Polemarco, não sou o herdeiro de todas as suas posses? Céfalo respondeu com uma risada: Certamente.” R. 331d. O fato histórico de Polemarco, filho de Céfalo, acabar sendo morto pelo governo dos 30 repete o tema de um Astianax que não governará a cidade.

²² Nesse caso Lísias, o orador e irmão de Polemarco, devido a sua postura de sofista, representaria para Platão o exemplo do herdeiro que faz um mau uso da herança paterna. Para corroborar o descompasso em que a cidade vivia estaria o fato de Polemarco acabar morto e Lísias sobreviver ao governo dos 30.

²³ “Se um cavalo engendra, contra a natureza, um bezerro, progenera bovina por natureza, não convém chamá-lo ‘potro’, mas sim ‘bezerro’. Tampouco acho que convenha chamar uma progenera de ‘humana’, caso um humano não gere um humano. O mesmo

virtuoso que viesse a gerar filhos sem virtude²⁴. Neste quadro negativo, e em vista do paradigma do que pode ser herdado, podemos entrever duas fontes de problemas: a primeira concerne à origem, como no caso do potro nascido de uma vaca, a outra é relativa ao desenvolvimento, como é o caso do filho bom ao qual o pai deseja o bem, mas que falha em se tornar virtuoso.

Astianax nunca desenvolveu a natureza de governante do pai porque morreu antes que isso pudesse acontecer. Se a sua morte aconteceu devido à falha do seu pai-povo ao defender a cidade, isso implicaria em reconhecer sua responsabilidade funcional no não desenvolvimento da hereditariedade na prole²⁵. Nesta perspectiva, um pai, que pela ascendência garante a possibilidade de uma natureza virtuosa aos filhos, acaba por impedir o seu desenvolvimento em razão de suas ações, ou da falta delas, durante o crescimento da criança. A ocorrência mais completa de uma situação como essa se encontra no diálogo *Laques*.

No prólogo do diálogo (179 a) uma dupla de pais explica qual foi sua motivação ao nomearem seus filhos. Lisímaco e Melesias seguiram a tradição que consistia em dar aos filhos os nomes dos avós, respectivamente Aristides e Tucídides. Eles teriam demonstrado assim serem prudentes, pelo fato de aludirem à sua origem (hereditária) em vez de proclamarem um desejo acerca do futuro para sua prole. No entanto, estes pais, em tom de queixa, declararam que, em se tratando da educação de seus filhos, não seguiam o comportamento de seus pais, os quais deixavam as crianças livres para fazerem o que quisessem. Eles, por sua parte, pensavam que para honrarem os nomes de seus ancestrais seria preciso assegurar-se de que os filhos fossem ser bem-educados.

Uma análise do contexto dramático do diálogo, entretanto, evidencia uma contradição. Supostamente os pais de então agiam de modo diferente

também para as plantas e tudo mais, ou você não concorda?” *Cra.* 393c. É preciso sempre ter em mente que em um projeto filosófico que se preocupa mais com o eterno do que com o particular mutável, o caso das aberrações será sempre marginal.

²⁴ “Por exemplo, quando de um homem excelente e piedoso é gerado um impiedoso. Ora, não é como aquele caso anterior? Se um cavalo procriar uma progenitura bovina, esta não deveria ter a denominação de quem a procriou, mas sim do gênero ao qual ela pertenceria?” *Cra.* 394d.

²⁵ “Averiguemos se tem por onde. Ele mesmo pressupõe para nós o porquê deste ser o melhor quando diz ‘pois sozinho ele protegeu a cidade e suas grandes muralhas.’ Por isso, aparentemente, haveria correção ao chamar o filho de um tal protetor de Astianax já que, como diz Homero, seu pai protegia cidade” *Cra.* 392d. Mais uma vez o nome do ‘reitor das muralhas’ contraria os fatos.

de seus próprios pais (os avós de seus filhos) para assegurarem que seus filhos honrariam os nomes de seus avós (os pais dos pais atuais)²⁶. Como os filhos poderiam ser bons se emulassem o comportamento de seus avós que não teriam sido bons a julgar pelo que deles pensavam seus pais? A solução para o impasse parece depender da divisão tradicional entre os âmbitos político e doméstico. Os avós foram grandes políticos e merecem ser louvados por isto, no entanto, eles adotaram uma postura criticável ao negligenciarem a educação dos filhos. Neste quadro, eles não falharam em defender a cidade, como Heitor, mas falharam em educar os filhos.

O problema das gerações anteriores teria sido, então, o de negligenciar a educação dos filhos, considerando-o um assunto de menor importância em comparação com a política. Pode se perceber aqui uma distinção entre os políticos e os filósofos segundo a qual os primeiros seriam aqueles que se ocupam das questões da cidade, enquanto os segundos seriam aqueles que tratam a educação das crianças como uma questão da cidade. Os políticos, supostamente virtuosos, falhariam ao não perceberem que seu descuido, ao engendrar uma geração de filhos ruins, poderia ser tão fatal para a cidade quanto uma guerra. Esta crítica remete ao tema da educação coletiva realizável sob o governo do rei filósofo na *República*. Ela reafirma, ainda, a conclusão da trilogia incompleta (*Sofista*, *Político* e *Filósofo*) em que, segundo Frede, sustentava-se que os verdadeiros políticos seriam os filósofos e que os falsos, os sofistas²⁷. Neste contexto, podemos acrescentar como um dos fatores de diferenciação o fato e o modo de se ocupar da educação das crianças.

No campo da tensão entre ascendência e educação aflora no pensamento de Platão uma posição bastante sofisticada acerca do célebre debate entre o que é inato e o que é adquirido (*Nature* vs. *Nurture*). Em termos

²⁶ O próprio Sócrates, como no início do *Teeteto* e em vários outros diálogos, começa a conversa por um elogio à bela estirpe da pessoa. Esta é uma estratégia de elogio comum na literatura grega. Resta saber se Sócrates a utiliza como um passo necessário, mas insuficiente, ou se o faz imbuído de uma completa ironia.

²⁷ “A visão de Platão parece ser, em resumo, que existem filósofos verdadeiros e que existem filósofos falsos, a saber, os sofistas, que são facilmente confundidos com os verdadeiros; e que os políticos são, ou verdadeiros ou falsos filósofos.” Frede 2000: 149. Independente de se buscar uma diferença distintiva, a indiferença diante da ocupação pela educação dos filhos é uma crítica platônica ao modo como se criavam os herdeiros em Atenas. Nesse sentido a fundação da Academia seria um ato político tanto quanto as conversas de Sócrates com os jovens atenienses.

contemporâneos, os extremos são definidos, tendo por um lado aqueles que acham que as pessoas são fruto do meio, e, por outro, os que acham que as pessoas são frutos da sua genética. A posição mais aceita faz convergir as duas posições, definindo a genética como uma predisposição a reagir de certa forma diante dos estímulos do ambiente²⁸. A posição de Platão parece ser ainda relevante no quadro deste debate. Sem a sofisticação da teoria genética ou dos experimentos behavioristas, ele defende, em congruência com a compreensão de pai e filho como termos herdáveis, que a origem influencia o desenvolvimento, mas não o garante. A garantia deve vir da educação do intelecto e do hábito, o que justifica a sua proposta de intervir no ambiente em que as crianças são criadas²⁹. É por isso também que a origem de uma personagem dará informações importantes acerca da formação de sua personalidade.

6. O desejo dos pais e o problema dos nomes próprios

A sequência da discussão no *Crátilo* apresenta uma crítica geral aos nomes próprios que faz aparecer as limitações das informações fornecidas pelos nomes, ainda que estes informem da ascendência e do local de origem. Sócrates convida Hermógenes a abandonar a investigação dos nomes próprios de pessoas e heróis³⁰, alegando que esses nomes apenas repetem o nome dos pais (ascendência) ou, no máximo, expressam seus votos de boa fortuna aos filhos (futuro). Deste modo, tais nomes serviriam somente

²⁸ “Na maioria dos casos a explicação correta vai invocar uma interação complexa entre hereditariedade e ambiente: cultura é crucial, mas cultura não poderia existir sem as faculdades mentais que permitem aos humanos criar e aprender uma cultura com a qual começar” Pinker 2002 : ix. Em Platão trata-se mais de um vocabulário ligado à importância da educação e do ambiente da cidade para que se desenvolva uma boa natureza.

²⁹ “... pois boa educação e criação, se são mantidas, produzem boas naturezas e belas naturezas, que recebem boa educação, crescem melhor que seus predecessores em todos aspectos – mas particularmente em respeito as suas crias, como no caso de todos outros animais.” *R.* 424a.

³⁰ “Talvez os nomes de heróis e humanos, dos quais falávamos, nos enganem. Porque, por um lado, muitos deles são estabelecidos a partir da denominação dos seus progenitores, sem correspondência alguma com cada um. Por outro lado, como falamos no começo, muitos os colocam fazendo votos de boa fortuna, por exemplo, Fortunado, Salvador, Amadeus e muitos outros. Por isso, na minha opinião, é preciso deixá-los de lado. Seria mais aceitável se descobríssemos o estabelecimento correto nos nomes daquilo que sempre existiu naturalmente.” *Crat.* 397b.

como exegese do desejo dos pais de que eles sejam como sua família ou que tenham um futuro afortunado. É o que pensa Sedley, para quem as etimologias mais nos informam sobre a opinião de quem dá um nome, no caso dos pais com os filhos, ou de quem o utiliza, no caso dos poetas em relação aos heróis, do que sobre os próprios nomeados³¹. Mas a conclusão mais importante consistirá em atribuir a devida importância à investigação das coisas eternas em oposição às gerais. Na sequência do diálogo, Sócrates examina os nomes de deuses para, somente então, passar aos nomes comuns, exame esse que ocupa a maior parte da seção etimológica do diálogo. Neste movimento se reconhece o interesse da filosofia por termos gerais em detrimento dos particulares.

A mudança dos nomes próprios sinônimos, Heitor e Astianax, para os nomes comuns (termos herdáveis), “leão” e “filho de leão” e “rei” e “filho de rei”, como vimos acima, é já um prenúncio desta vontade de abandonar o terreno dos particulares. Resta saber se a crítica à particularização suscitada pelos nomes próprios acaba ou não resvalando para os personagens fictícios. O cidadão ateniense e o estrangeiro de Eléia, por exemplo, não possuem nomes próprios. Mas antes de passarmos à análise deste caso em particular, convém apontar uma outra ocorrência que pode indicar essa tendência generalizadora, embora de maneira ainda incipiente.

Um outro caso em que os feitos apresentam uma primazia em relação aos nomes ocorre também na sequência da passagem citada do *Crítias*. Não sem antes garantir a boa ascendência (divina) dos primeiros atenienses³², Critias diz, em tom de crítica, que os nomes³³ dos primeiros atenienses são lembrados, mas não seus feitos. A situação remete mais uma vez a Solon (*Crítias*, 110 b). Segundo o sábio, os nomes preservados, como, por exemplo, Erecteus, Euricton, fizeram com que surgissem rumores sobre os seus feitos. Ambos os nomes são formados pela raiz *cton-* (terra) e pelo

³¹ “As etimologias seriam exegeticamente corretas mas, em sua maioria, filosoficamente incorretas.” Sedley 2003: 28.

³² “Hefesto e Atena (que são muito similares em natureza, não apenas porque são irmãos com um pai em comum, mas também porque o seu amor pela educação e pela arte lhes dão os mesmos objetivos) ganharam Atenas como uma locação comum, já que a natureza do distrito era condizente com sua coragem e inteligência” *Criti.* 109c. Nota-se mais uma instância da relação educação e natureza.

³³ “Apesar dos nomes destes primeiros atenienses terem sido preservados, seus feitos foram apagados pela destruição de seus sucessores e a passagem de um longo tempo.” *Criti.* 109d.

prefixo *eur-* (aumentar), indicando assim que os feitos dos conquistadores de que se tem notícia derivam da interpretação do conteúdo descritivo dos seus nomes. Nesse caso, então, a posição sustentada estaria de acordo com a crítica desenvolvida no *Crátilo*, segundo a qual inferir fatos a partir de nomes leva a enganos (como o Astianax que nunca governará a cidade), mas em desacordo com a opção de Sólon por traduzir os nomes egípcios para o grego de modo a tornar mais compreensível a história a ser narrada.

É muito significativo que esta crítica apareça na boca de Crítias III, o terceiro em uma linhagem famosa que remontaria justamente aos fundadores de Atenas³⁴. O fato de ter o mesmo nome serve a indicar que um personagem representa um clã, e a crítica ao valor do nome pode ser um pedido para que eles sejam valorizados pelos seus feitos e não pela sua fama. Ao lado da importância dada à ascendência e à origem, e à crítica a particularidade de um nome próprio, este tratamento da personagem como uma classe parece promissor.

7. Como evitar os nomes próprios

Após a seção etimológica, no quadro da sua discussão com Crátilo, Sócrates realiza um experimento teórico em que volta a tratar dos nomes próprios. Ele imagina uma situação em que alguém, tendo encontrado Crátilo no estrangeiro lhe cumprimentasse dizendo: ““Olá, estrangeiro ateniense, filho de Smicrion, Hermógenes!” (429 a). O cumprimento compreende quatro informações a seu respeito, sendo que dessas somente as três primeiras seriam corretas: trata-se de fato de um estrangeiro, de um ateniense e que é filho de Smicrion. A última informação, no entanto, é falsa, pois o nome próprio da pessoa cumprimentada não é ‘Hermógenes’ e sim ‘Crátilo’. No entanto, mesmo tendo presente a troca dos nomes próprios o cumprimento funciona, podendo assim ser visto como um ato de fala.

O sucesso da situação descrita, apesar do erro cometido ao indicar o nome próprio, condiz com a negação de sua importância mencionada acima. Este sucesso pode ainda ser atribuído à referência correta feita à procedência e à genealogia de Crátilo – de Atenas e filho de Smicrion. Além da confirmação dos resultados prévios, esta situação permite ainda avançar. Não se fez referência à procedência e à genealogia de Crátilo mediante um

³⁴ cf. Nails 2002: 106

nome próprio, como Escamândrio ou Astianax, mas, antes, pelo uso do que hoje entendemos por sobrenomes: Ateniense e Smicriota.

O uso de ‘sobrenomes’ para identificar alguém na Grécia antiga tomava por paradigma justamente a procedência geográfica da pessoa, através do patronímico, *e/* ou, sua origem genealógica, o seu povo, através do demótico. Nesse caso, tem-se ‘Ateniense’ como um patronímico e ‘Smicriota’ como um demótico. Desse modo, Platão encontra na tradição duas ferramentas condizentes com os seus propósitos para veicular as informações que lhe parecem relevantes acerca de um determinado personagem, sem ter que recorrer ao nome próprio que particulariza demais e expressaria em sua etimologia apenas o desejo dos pais. Fica então claro como isso refletiria nos nomes usados por Platão para se referir ao cidadão ateniense e ao estrangeiro eleata. Mas antes de prosseguirmos em nossa análise desses casos, voltemos ao *Laques* para apontar mais um tratamento do patronímico e do demótico.

Na sequência da passagem do *Laques* acima apresentada (181 a-b), Sócrates é introduzido na discussão. Os pais dizem já terem ouvido os filhos falarem do filósofo, mas sem nunca lhes terem perguntado se falavam do Sócrates Sofrônico (filho de Sofrônio). Esta informação teria fornecido um melhor ponto de partida para se reconhecer o nomeado do que a raiz *Crat-* em seu nome. Convém notar ainda que o desinteresse dos pais que admitiram não estar por dentro do que se passa com a juventude e nem nunca perguntaram quem era aquele que passava tanto tempo educando seus filhos, põe em questão a veracidade da postura anterior deles ao censurarem a negligência dos avós na sua educação. Este tema reaparecerá ao longo da discussão.

Laques confirmará, então, que o Sócrates diante deles é mesmo o Sofrônico, e acrescenta ainda que ele “honra não só o nome de seu pai, mas também o da sua pátria”³⁵. Portanto, para determinar a qual Sócrates eles se referiam, os pais escolheram falar de um Sócrates Sofrônico (demótico), enquanto o modo de falar de seus filhos reforça sua atuação como ateniense (patronímico)³⁶. Pai e pátria remetendo aos dois âmbitos

³⁵ “Ele é uma pessoa que você não deve abandonar pois eu o vi honrar não só o do seu pai mas também o nome da sua pátria. Ele me acompanhou na batalha de Delium e eu te asseguro que se os outros fossem como ele nossa cidade teria mantido a cabeça erguida e não teríamos tido uma queda tão terrível.” *La*. 181ab.

³⁶ Na verdade, o mais comum deveria ser dizer que Sócrates era de Alopece, indicando um sub-demo, mas isso no contexto de Atenas, onde a grande maioria seriam ‘atenienses’.

de origem analisados acima, o local de nascimento e a ascendência, o que é reforçado pela leitura conjunta das passagens.

Outra divisão importante relativa a essa passagem é que os democratas prefeririam usar o demótico enquanto os oligarcas parecem ter preferido o patronímico³⁷. Esta distinção pode servir para caracterizar de maneira sutil as preferências políticas das personagens. Nesse caso, a passagem acima sugeriria uma tensão entre os filhos oligarcas (ao enfatizar que Sócrates honrou a pátria) e os seus pais democratas (que o chamaram de Sócrates Sofrônico). Mais uma vez se poderia perguntar se os pais teriam de fato transmitido os seus valores aos seus filhos ou se não teria tido Sócrates maior influência do que os pais na formação daquela geração de jovens.

Ademais, não se deve perder de vista que as naturezas precisam ser desenvolvidas pela educação e que os fatos prevalecem sobre os nomes. Quanto a esse último aspecto, a passagem do *Laques* também é significativa. Laques dá um exemplo concreto de como Sócrates honrara com os seus feitos os nomes da sua pátria e do seu pai. Sua coragem na batalha de Delium, se fosse imitada por todos, traria um resultado positivo para Atenas³⁸. Com isso é reforçada a posição tradicional de louvar a ação política (principalmente a bélica). Donde é também possível reconhecer no silêncio sobre a postura de Sócrates como educador da juventude na cidade mais uma contradição com a suposta valorização da educação defendida pelos pais anteriormente.

8. Estrangeiro e ateniense

Uma outra condição importante pode ser extraída desse cumprimento hipotético apresentado no *Crátilo*. Crátilo é descrito por Sócrates como estrangeiro e ateniense, ou seja, alguém que está fora de casa, mas que tem um local de origem tão bem definido que ele chega a ser mais importante do que o seu nome próprio na sua identificação. Em vista da valorização do local de origem na nomeação de um personagem vista já no primeiro

Como aqui se trata de estrangeiros, e a pátria que ele honrou o nome na batalha de Delium é Atenas, pareceu mais simples manter a alusão.

³⁷ “La. 179a-181c apresenta vários pontos que sustentam os debates na literatura acerca do uso de demóticos e patronímicos – por exemplo, que os demóticos eram preferidos por democratas enquanto os oligarcas preferiam os patronímicos - e reiterando o costume grego de batizar um neto com o nome do avô.” Nails 2002: 264.

³⁸ O exemplo da atuação bélica de Sócrates não é sem motivo em vista do tema geral do *Laques* que é a virtude da coragem.

caso examinado, o de Escamândrio, isto não constitui uma novidade. Novos elementos aparecem ao se comparar esta condição com aquela do errante, o estrangeiro que não vem de lugar algum.

No *Timeu* se lê que os filósofos e os políticos, em oposição aos sofistas, seriam supridos ‘por natureza e educação’ com as condições para a busca de um conhecimento aprofundado³⁹. O tema da relação entre natureza e educação aparece mais uma vez. A diferença é que aqui esse aparece como conclusão de uma outra crítica comumente feita aos sofistas: a falta de origem fixa. Assim, a errância dos sofistas é contraposta à ligação dos políticos e filósofos com as suas cidades de origem, de modo que a vida em exílio seria um dos fatores que impediria os sofistas de conhecerem as coisas que demandam fixação em algum lugar. Em vista da trilogia anunciada no início do *Sofista*, essa diferenciação entre o sofista errante e o político e o filósofo enraizados ganha mais relevo. Os filósofos e políticos seriam como agricultores que plantam e colhem no contexto da sua cidade, em oposição aos sofistas que são comerciantes de discursos e fazem tudo para vender suas palavras a quem quer que seja.

No *Eutidemo*, Sócrates parece relacionar mais uma vez o ecletismo teórico dos irmãos Eutidemo e Dionisidoro à sua condição de errantes. Eles são de vários lugares e, assim, não seriam de lugar algum. De maneira análoga, eles dizem saber de tudo e, no entanto, não saberiam de nada⁴⁰. O texto dá a entender que a suposta onisciência estaria ligada à errância espacial que de fato aconteceu. Os irmãos passaram a vida viajando de lugar em lugar, aprendendo um pouco daqui e um pouco dali, mas o resultado

³⁹ Ti. 19e-20a: “... no caso dos sofistas, eu acho que eles são especialistas em fazer todo tipo de discurso maravilhoso sobre vários assuntos, mas temo que, talvez porque eles viagem de cidade a cidade sem fazer um lar para eles mesmo em um lugar em particular, eles percam a precisão na hora de descrever as coisas que homens que são filósofos e políticos alcançam no mundo real, em guerra e no campo de batalha e colocam em palavras nas suas negociações com outros indivíduos. Isso faz com que apenas pessoas com suas qualificações sejam supridas por natureza e educação com caracteres filosóficos e políticos.” Aqui a educação, e seus problemas, mais uma vez, recorre na interseção entre políticos, sofistas e os filósofos (não denominados, mas com sua presença subsumida por oposição no tom crítico da observação).

⁴⁰ *Eutid.* 271e: “De nascimento eu acredito que eles pertençam a Chios, e que saíram como colonizadores para Thurii, mas foram exilados desde então e passaram muitos anos em várias partes do país. Quanto a sua profissão, é uma incrível, Criton! Estes dois são oniscientes!”

é que eles parecem conhecer muito (ou tudo), enquanto, na verdade, não conhecem nada.

Este tipo de crítica condiz perfeitamente com aquela feita aos sofistas e retóricos que seriam mestres das aparências (conhecimento superficial), mas que nada saberiam de fato, e nem se ocupariam da busca pela verdade. Em termos práticos, a sugestão geral seria que o contato com muitas escolas de pensamento, com os mais diversos costumes e leis, levaria a um certo ecletismo. Essa leitura oferece ainda uma explicação fatural para a principal crítica conceitual que Platão dirige aos sofistas, a saber a de serem relativistas. O expoente máximo do relativismo seria a ‘verdade Protágoras’, criticada no *Crátilo* ao lado de Eutidemo (386 a). Encontramos aí apresentado, pela via negativa, mais um aspecto necessário à determinação das origens de um personagem, ainda mais se este se encontrar na posição de estrangeiro.

9. Conclusão

Como vimos, a identificação de raízes estrangeiras em nomes troianos como Heitor e Astianax levantou um problema de coerência interna ao se lidar com personagens estrangeiras no texto (1). Porém, considerando ser mais importante o significado de um nome do que os sons com os quais ele é composto, revelou-se preferível a tradução dos nomes estrangeiros. A comparação entre Astianax e Escamândrio serviu a mostrar que é melhor um nome que indica o passado que um que aponta para o futuro de um personagem ao nomeá-lo (2). O caso do leão que gera leão e do rei que gera rei acenou para uma outra possibilidade de informar sobre o passado de um personagem ao apresentar a sua ascendência. O paradigma seria o da herança no qual o herdeiro não é tão apegado ao herdado, podendo assim usá-la bem ou mal. Assim como uma herança, a ascendência é necessária, mas não garante por si só o desenvolvimento de uma natureza (3). Por outro lado, o caso do potro filho de bovino mostrou que as coisas nem sempre saem de acordo com a natureza. E mais, o caso do filho ruim de um pai virtuoso mostra a necessidade de uma educação que tente assegurar ao filho o pleno desenvolvimento da sua natureza (4). Porém, a crítica ao nome próprio que particulariza e exprime apenas o desejo dos pais pedia uma outra solução para se nomear um personagem no quadro de um diálogo filosófico (5). O exame da saudação dirigida ao estrangeiro ateniense smicriota Hermógenes mostrou que a solução estaria na maneira tradicional de se aplicar um sobrenome através do patronímico e demótico (6). Essa

estratégia remete à preferência pelo locativo e pela ascendência como sendo informações relevantes para a caracterização de uma personalidade. Em oposição a estas informações sobre a origem de alguém em condição de estrangeiro, efetua-se a crítica aos errantes sem origem estabelecida e de educação relativista (7).

Com estes resultados em mãos, trata-se agora de verificar se Platão, ao definir e nomear seus personagens estrangeiros, age de acordo com as diretrizes que ele próprio parece ter estabelecido em seus diálogos. Na segunda parte deste artigo, pretendemos mostrar de que modo as conclusões acima podem nos orientar na caracterização do estrangeiro eleata e do cidadão ateniense.

Bibliografia

- Ademollo, F. (2011), *The Cratylus of Plato, a commentary*. Cambridge.
- Aronadio, F. (2012), Il “Cratilo di Platone e le molte origini dei nomi”, in F. Amerini, R. Messori (eds.), *Sulle origini del linguaggio. Immaginazione, Espressione, Simbolo*. Pisa, 29-53.
- Barney, R. (2001), *Names and Nature in Plato’s Cratylus*. Nova Iorque.
- Bestor, T. (1980), “Plato’s Semantics and Plato’s Cratylus”, *Phronesis* 25: 306–330.
- Bett, R. (Trad.) (2005), Sexto Empírico. *Against the Logicians*. Cambridge.
- Bronkhorst, J. (2001), “Etymology and Magic: Yāska’s Nirukta, Plato’s Cratylus, and the Riddle of Semantic Etymologies”, *Numen*, 48(2): 147-203.
- Frede, D., Inwood, B. (eds.) (2005), *Language And Learning*. Cambridge.
- Jowett, B; Edman, I. (Eds.), (1930), Platão. *The works of Plato*. New York.
- Kanavou, N. (2010), *Aristophanes’ Comedy of Names: a Study of Speaking Names in Aristophanes*. Berlin.
- Levin, S. (1997), “Greek Conceptions of Naming: Three Forms of Appropriateness in Plato and the Literary Tradition”, *Classical Philology*, 92(1): 46-57.
- Levin, S. (2001), *The Ancient Quarrel Between Philosophy and Poetry*, Oxford.
- Lourenço, F. (Trad.) (2003), Homero. *Odisseia*, Lisboa.
- Lourenço, F. (Trad.) (2008), Homero. *Iliada*. Lisboa.
- Nails, D. (2002), *The People of Plato*. Indianápolis.
- Palumbo, L. (2004), “Il nomos e la trasmissione dei nomi nel Cratilo di Platone (a proposito di Crat. 388 D12)”, *Elenchos: Rivista di Studi Sul Pensiero Antico* 25 (2): 397-412.

- Schofield, M, Nussbaum, M. (eds.) (1982) *Language and Logos*. Cambridge.
- Sedley, D. (2003), *Plato's Cratylus*. Cambridge.
- Seminara, L. (2004), "Omonimia e sinonimia in Platone e Speusippo", *Elenchos* 25: 289-320.
- Teloh, H. (1986), *Socratic Education in Plato's Early Dialogues*. Notre Dame.
- Vieira, C; Peixoto, M. (2012), "Helena: um estudo de caso acerca da propriedade e apropriação no uso dos nomes próprios na Grécia Antiga", *Contexto* 21:11-38,
- Vieira, C. (2014), Platão. *Crátilo*, Paulus. São Paulo.